

This file has been cleaned of potential threats.

If you confirm that the file is coming from a trusted source, you can send the following SHA-256 hash value to your admin for the original file.

92f14118aa80456be10cf83d6ec9ac9dc079c7953f90a88a039c94985a012582

To view the reconstructed contents, please SCROLL DOWN to next page.

<http://amazoniareal.com.br/belo-monte-liceos-da-luta-2-o-inicio-dos-planos-no-xingu/>



Belo Monte: Lições da Luta 2 – O início dos planos no Xingu



Philip Martin Fearnside | 18/12/2017 às 19:11

•

O planejamento para uma série de barragens no Rio Xingu começou em 1975, durante a ditadura militar do Brasil de 1964-1985. Em 1975, este autor estava morando em uma das áreas de colonização da Rodovia Transamazônica a 50 km de Altamira [1]. Em uma visita ao escritório em Altamira do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), foi-me dado um mapa mostrando as áreas a serem inundadas pela barragem de Babaquara (mais tarde renomeada “Altamira”), a primeira planejada rio acima de Belo Monte.

Que parte da área de colonização seria inundada provocou compreensível consternação entre os colonos em uma “agrovila” (aldeia agrícola planejada) onde eu morava, mas durante a ditadura qualquer tipo de objeção ou protesto estava fora de questão.

Um inventário da bacia do Rio Xingu propôs seis grandes barragens (Figura 2), incluindo “Kararaô” (depois renomeada de “Belo Monte”) (e.g., [2]). Estudos de viabilidade foram preparados [3], e estudos ambientais [4] foram feitos pelo Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores (CNEC), uma empresa de consultoria em São Paulo que, no decorrer do estudo, foi comprada pela Camargo Corrêa, a engenharia empresa de principal que estava se preparando para construir as barragens. [6]

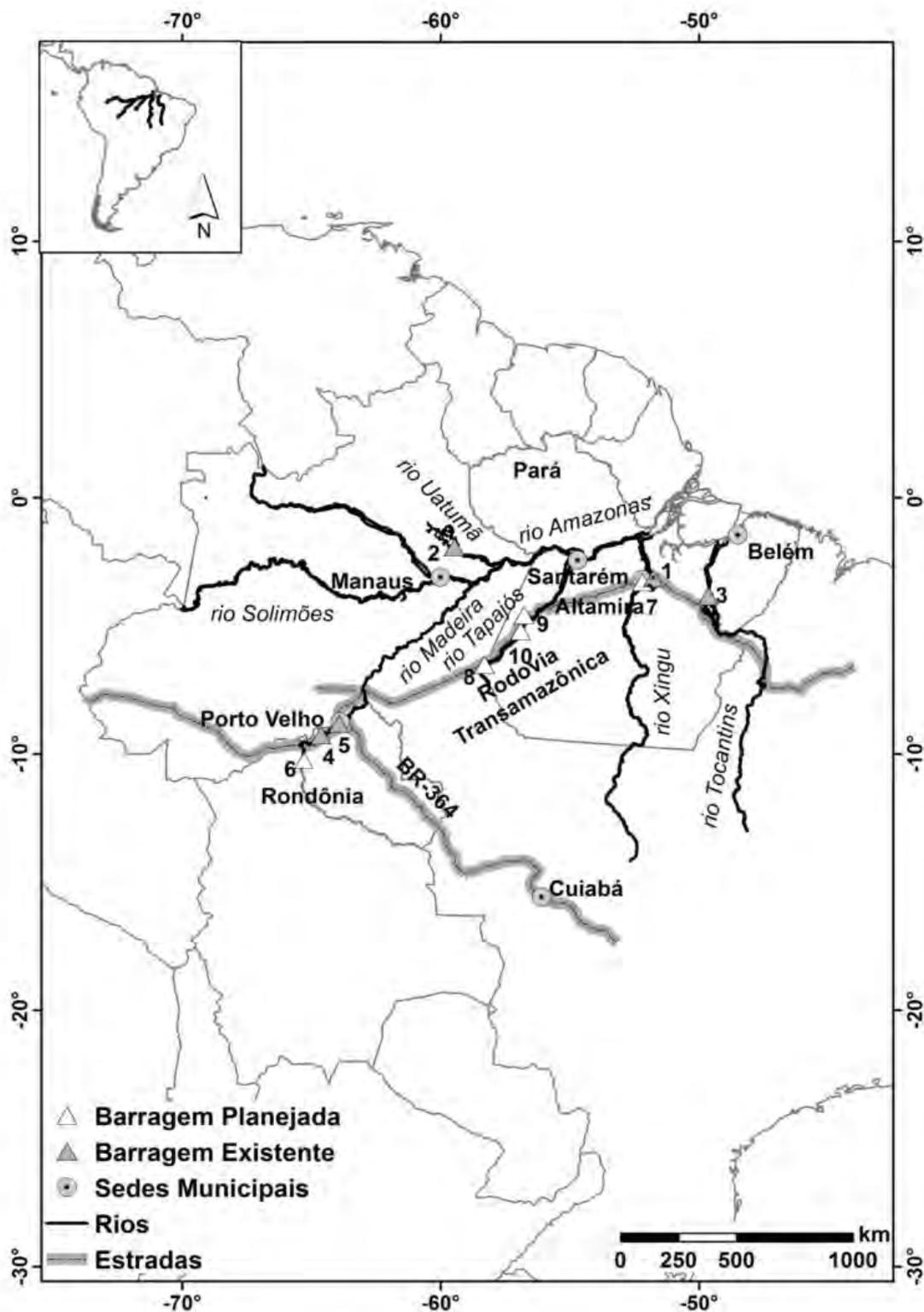


Figura 2 – Locais mencionados no texto. Barragens: 1.) Belo Monte, 2.) Balbina, 3.) Tucuruí, 4.) Jirau, 5.) Santo Antônio, 6.) Cachoeira Riberão (Gujará-Mirim), 7.) Babaquara (Altamira), 8.) Chacorão, 9.) São Luiz do Tapajós, 10.) Jatobá.

Notas

[1] Fearnside, P.M. 1986. *Human Carrying Capacity of the Brazilian Rainforest*. Columbia University Press, New York, NY, E.U.A. 293 pp.

[2] Sevá Filho, A.O. 1990. Works on the great bend of the Xingu—A historic trauma? . pp. 19-41. In: Santos, L.A.O. & de Andrade, L.M.M. (Eds.) *Hydroelectric Dams on Brazil's Xingu River and Indigenous Peoples*. Cultural Survival Report 30. Cultural Survival, Cambridge, Massachusetts, E.U.A. 192 pp.

[3] CNEC (Consórcio de Engenheiros Consultores). 1980. Estudo de Inventário Hidrelétrico da Bacia Hidrográfica do Rio Xingu. Ministério das Minas e Energia, ELETRONORTE & CNEC, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em:
http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/Dossie/BM/DocsOf/Invent/Inventario%20Rio%20Xingu.htm

[4] Brasil, ELETRONORTE (Centrais Elétricas do Norte do Brasil). s/d [2002]. Complexo Hidrelétrico Belo Monte: Estudo de Impacto Ambiental – EIA. Versão preliminar. ELETRONORTE, Brasília, DF, Brasil. 6 vols. Disponível em:
http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/Dossie/BM/BELO%20MONTE.htm

[5] Fearnside, P.M. 2017. Brazil's Belo Monte Dam: Lessons of an Amazonian resource struggle. *Die Erde* 148 (2-3): 167-184.
<http://dx.doi.org/10.12854/erde-148-26>. <http://www.die-erde.org/index.php/die-erde/article/view/265>

[6] As pesquisas do autor são financiadas exclusivamente por fontes acadêmicas: Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq: proc. 305880/2007-1; 5-575853/2008 304020/2010-9; 573810/2008-7), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM: proc. 708565) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA: PRJ15.125). Marcelo Augusto dos Santos Júnior preparou a figura. Agradeço a Paulo Maurício Lima de Alencastro Graça pelos comentários. Esta é uma tradução parcial de Fearnside [5].

A fotografia que ilustra esse artigo é da Rodovia Transamazônica

(Foto: Nelson Luiz Wendel)

**Leia artigo de abertura da série: Belo Monte: Lições da Luta 1 –
Resumo da série**

Philip M. Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências e também coordena o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) dos Serviços Ambientais da Amazônia. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 500 publicações científicas e mais de 200 textos de divulgação de sua autoria que estão disponíveis neste [link](#).